

A, 9 DE SETEMBRO DE

PALESTRAS DE INVERNO

Nona conferencia — Thema:
"O nosso theatro" — Orador:
Dr. Claudio de Souza

Depois de quatro preleções historicas, oradores succederam-se e bem alto, eruditos e eloquentes, justificaram o que Gonçalves Dias affirmou :

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossos campos têm mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

segunda-feira teve inicio a série genuinamente litteraria, e, antecipando o Sr. Dr. Alfredo Pujol, que se encarregou de dizer sobre Machado de Assis e os prosadores brasileiros e a Sra. D. Maria Jacobina Rabello, convidada a fallar da poesia em torno de Gonçalves Dias, o Sr. Dr. Claudio de Souza occupou a tribuna para discorrer sobre o thema amavel sob todos os pontos de vista e bem conhecido pelo conferente : "O nosso theatro".

Composta a mesa pela Sra. D. Isabel Jacobina Lacombe com os Srs. Almirante Max de Frontin, e Drs. Osorio de Almeida, Cesar Rabello e Azarias de Andrade teve a palavra o Sr. Dr. Claudio de Souza.

O orador entra no thema da sua conferencia verberando o nosso pessimismo que nos faz achar ruim tudo quanto nos espera em casa e, sem respeito ás tradições aos usos e costumes nacionaes, ás crencas e a sã moral dos nossos avós, vamos substituindo o que de ingenuo e de sincero constitue o cabedal da nossa sobremaneira pelo pechisbeque que nos resulta do estudo muito superficial de outras civilizações.

E diz : "Se repararmos com attenção no que se nos passa em casa ficaremos surpresos ao verificar que nosso lar está mudado do Brasil e que mesmo seus nomes do baptismo já disfarça em appellidos estrangeiros para que não lhe descubram a vergonha de sua nacionalidade. Nossos filhos chamam-se : "bay", "lady", "mademoiselle", "miss", "Mary", "petit", "Margaret"... Nossos cachorrinhos : "lord", "betty", "Kate"; nossos repastos obedecem a um "Menu"; nosso café da manhã é "petit-dejeuner"; a merenda, "lunch"; a ceia, "souper". Nossas refeições compõem-se de "hors-d'œuvre", "galantine", frios "assortis", "mayonnaises", "sandwiches", "patés", "omelettes", "rumsteaks", "soufflés", "crèmes", "petits-fours" e, para terminar, café, "liqueurs et cigarres"! Serve-nos um "garçon": a criada, mesmo mulata é "femme de chambre". A governante, ainda que seja preta é "Nurse", e a professora, "institutrice"... Em nossa garage ha um "compé de ville", um "double-phaeton", ou uma "limousine", nos quaes entramos pela mão de um "groom" para fazer o curso, ir a um "five-o'clocktea", a um "grill-room" ou a um "braiserie", ou "rotisserie", a um "music-hall", ou a uma "matinée" ou "soirée", numa das "boites" da avenida, onde se dá "rendez-vous".

nosso "set" para "bavarder, entre "bonbons" e refrescos "frappés" ou "punchs", os "potins" do foot-ing" da vespera, a "season" o ultimo "steeple-chase" ou "match de foot-ball", com seus "grounds", "players", "teams", "goal-keepers", etc., do "tennis", de "cricket", ou de "base ball", do "vernissage, de um medalhado ou de algum proximo "raid" de aviação! Ah! está então, é horrivel com seus plots brevetados, suas "glissades", "loopings", "atterrissage" vóos "planés" e sei lá que mais! Nada respeita a tremenda praga, pois nosso interior não é mais interior, e "interland", nosso calpira é "cow-boy", as modinhas não mais modinhas senão que "folk-lore" e para cumulo, o brasileiro já não nasce de um parto, nasce de uma "deliverance"!

O orador prosegue destruindo a presumpção de que não existe entre nós uma verdadeira litteratura dramatica.

"Tivemos, diz, e temos entretanto um theatro : não tão copioso, não tão primoroso, e remalado como o francez, italiano, hespanhol, inglez, scandinavo; mas o que condiz com a nossa idade de povo".

Conta como surgiu o nosso theatro na scena mesclada de portuguezes, indigenas e pretos que os Jesuitas "armaram, em Nictheroy, para a representação de seus autos e mysterios; como elle se amoldou depois ao drama, em que se exerceu o nosso romantismo, á comedia satyrica e foi opera, com Carlos Gomes, e foi opereta, revista, monologo, somente á proporção que nos outros theatros esses generos medraram.

Falla do Auto O Mysterio de Jesus, do Padre Anchieta com, que se iniciou o theatro brasileiro, descreve o enredo o scenario e o desempenho desse primeiro espectáculo.

Lembra o nome de Antonio José, o judeu que deu nova feição ao theatro portuguez e poderia ser considerado o fundador da comedia brasileira se seus assumptos se não prendessem, como se prendem, exclusivamente á vida portugueza.

Refere-se aos theatros da época : a Casa da Opera, que foi devorada por um incendio e a que Manuel Luiz, dançarino, construiu depois, sendo que só viemos a possuir o nosso primeiro grande theatro com a vinda de D. João VI e de sua corte, esse Real Theatro de S. João, queimou-se e reconstruiu-se tres vezes e nelle se passaram alguns dos nossos acontecimentos historicos e, mais tarde, tomou o nome de Theatro S. Pedro.

Foi nessa scena que appareceu João Caetano, cujo perfil artistico o orador traça com minucias, pondo em relevo o talento pujante do grande actor nacional.

Occupa-se depois das obras de Martins Penna, que considera o verdadeiro fundador do theatro brasileiro, e esse estudo detalhado o conferente remata com palavras de Sylvio Romero : "Se se perdessem todas as leis, escriptas e memorias da historia brasileira dos primeiros cinquenta annos do seculo XIX, e nos ficassem só as comedias de Penna era possível reconstruir com ellas a physionomia moral de toda aquella época".

Cita os nomes de outros brasileiros que illustraram a nossa scena, entre elles : Joaquim Norberto, Teixeira e Souza Burgain, Constantino de Souza, Achilles Varejão, Pinheiro Guimarães, Quintino Bocayuva, Franklin Tavora, Carneiro Villela, Antonio Cordeiro, Mario Ribeiro, Augusto de Castro, Joaquim Serra, Egundes Varella, Luiz Guimarães, Machado de Assis e Arthur Azavedo.

E de obras de Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Gonçalves Dias e França Junior, faz detalhadas transcripções enaltecendo o valor de muitas paginas desses notaveis patricios.

E termina com as seguintes palavras :

"Tenhamos orgulho de nossas tradições, de nossos trovadores, de

nosossos cantores e de nossas canções.. Não esperemo que Paris nos diga que o maxixe é dança interessante para irmos buscal-o á prostituição a que o haviamos abandonado e darmol-o a nossas filhas para que o dansem... Não, tudo isto está errado... Ha um nacionalismo de que nenhum coração se deve apartar : é o nacionalismo do sangue, da raça, da belleza das tradições e das epopeas nacionaes, da sublimidade de sua moral, dos seus heroes, de seus artistas, de seus soldados, de sua bandeira, corôa immaterial que corôa cada raça dentro de sua patria e de sua casa. Neste nacionalismo benefico inclui nosso theatro, que, confortado por vossos applausos e vossos estímulos, saberá perpetuar no quadro vivo e suggestionador de sua cena todas as expressões da nossa belleza moral e advertir-vos de todos os ridiculos que vos posem afeiar."

O orador foi muito applaudido.

A Sra. D. Helena van Erven Azavedo prestou valioso concurso, recitando uma scena do drama em verso "O Cego e Cabbé", de Macedo. Foi com muita arte que a talentosa "diseuse" interpretou a emoção do Cego quando descreve seu amor desesperado de quem ouve e não vê, e, ao mesmo tempo em seu proprio supplicio a ventura maior de seu amor.

Antes já havia sido applaudida a gentil senhora na segunda scena do 1º acto do "Juiz de Paz na Roca", de Martins Penna, dando-lhe a replica o Sr. Roberto Brandão, que se houve tambem com discreção.